

SECRETO ETERNO: A MÚSICA DAS COLUMBAS ROSACRUZES

*Teresa Lousa*¹
*José Eliézer Mikosz*²

RESUMO

Investigamos neste artigo a música Secreto Eterno que é tema das Columbas Rosacruz. Foram pesquisados o autor da música e da letra e, através disso, as implicações espirituais que a concepção da Columba pode representar como guia no caminho espiritual. A letra da música Secreto Eterno, habitualmente apresentada apenas na sua versão musical, revela-se instigante e nos coloca questões filosóficas pertinentes acerca do amor.

Palavras-chave: Columba; iniciação espiritual; arquétipo da alma, amor; música.

ABSTRACT

We researched in this article the song Eternal Secret which is the theme song of the Rosicrucian Columbas. We have researched the author of the music and lyrics and, through this, the spiritual implications that the conception of the Columb can represent as a guide on the spiritual path. The lyrics of the song Secreto Eterno (Eternal Secret), usually presented only in its musical version, are thought-provoking and pose pertinent philosophical questions about love.

Keywords: Columba; spiritual initiation; anima archetype, love; music.

INTRODUÇÃO

Nesta reflexão pretendemos dar uma pequena contribuição para o estudo do papel da Columba, figura quem em nossa opinião requer mais estudos sistemáticos. Partimos de uma metodologia qualitativa de base documental, na qual foram correlacionados tanto fontes históricas e filosóficas como a música tema usada nos templos rosacruz como fundo da presença da Columba no ritual de convocação. Nosso ponto de partida foi a suspeita de que a partir do contato com a letra, nem sempre divulgada desta música, encontraríamos outras reflexões. Assim, seguindo uma rota exploratória, caracterizou-se

¹ Investigadora Integrada do CHAM/FCSH Universidade NOVA de Lisboa, Investigadora do CIEBA/FABUL e Professora Auxiliar Convidada da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa - teresa.lousa@gmail.com - ORCID: 0000-0001-6574-6901

² Professor Associado 2 da UNESPAR. Investigador correspondente do CHAM/FCSH da Universidade NOVA de Lisboa e Investigador do CIEBA/FBAUL - antar.mikosz@unespar.edu.br - ORCID: 0000-0002-5314-0758

a Columba, fez-se um levantamento da letra relativa à música *Secreto Eterno*, por fim tiraram-se algumas elações tão curiosas como instigantes.

A COLUMBA E SEU SIGNIFICADO

Inicialmente coloca-se a questão do que representa a Columba para os rosacruzes e, a seguir, na Figura 1, apresenta-se uma representação visual.

Virgem vestal do Templo Rosacruz, a Columba representa, além da inocência e da simplicidade da Verdade, as maiores Virtudes que conhecemos e a consciência da alma em sua pureza e sabedoria. [...] Ela é presença indispensável nos Rituais. Sua terna figura lembra a Consciência do Ser – o que mais de puro, sublime e sagrado existe em nós, sugerindo-nos a possibilidade e a esperança de uma verdadeira Iniciação na Senda, o domínio consciente da vida, rumo a Consciência Cósmica (AMORC, 2022).



Figura 1: Releitura Rosacruz da obra *Madonna Oriflamma*, do Frater Nicholas Roerich, pintada pela Soror Erica Santana.

Relativamente a sua origem histórica podemos associar com as Vestais, jovens sacerdotisas de famílias nobres do Império Romano que prestavam serviços no templo da deusa Vesta. Sua principal missão era manter acesa a Chama Sagrada do templo. Elas eram selecionadas ainda na infância, deveriam se manter virgens e castas, servindo o templo por 30 anos, quando poderiam então voltar para suas famílias e se casarem ou, se

optassem pelo prestígio que possuíam, continuar servindo a deusa. No caso das Columbas rosacruzadas a idade máxima para a função é 16 anos de idade.

O termo columba corresponde à palavra italiana para pomba. Em espanhol colomba ou paloma. Simbolicamente sua importância destaca-se tanto na associação cristã ao Espírito Santo como por ser convertida no símbolo da paz. Está ligada ao mito da Arca de Noé, tendo esta sido o primeiro animal a voltar para a Arca de pois do dilúvio, dando a notícia de terra firme. No século XX, após a Segunda Guerra Mundial, este significado foi reiterado por Picasso que imortalizou a pomba branca como imagem principal do Congresso Mundial da Paz em 1949.

A presença da Columba, como esperança de “uma verdadeira Iniciação na Senda” como descrito na citação acima, pode nos remeter a uma série de paralelismos que tentam representar o processo iniciático em outras buscas e imagens semelhantes como as descritas abaixo.

A Columba pode ser símbolo da alma, o lado arquetípico do inconsciente feminino em um homem, o modelo básico do comportamento instintivo (JUNG, 2007, p. 54). A alma em seu aspecto positivo, como proposto por Jung, é responsável por guiar o homem nesse caminho espiritual, tendo o animus na polaridade masculina interior para a mulher e todas as variações possíveis respeitando a diversidade.

Ela também pode representar a Beatriz da Divina Comédia, na qual Virgílio, representando a sabedoria humana, conduz Dante nos estágios iniciais, caminhando pelo Inferno e Purgatório, para somente depois Beatriz, a Sabedoria Divina, conduzir Dante ao Paraíso, vide Figura 2. E pode ser igualmente associada à figura de Ariadne, que dá o novelo de lã para seu amado Teseu, para que ele não se perca dentro do labirinto na caça ao perigoso Minotauro.

A Columba pode ser representada pelo Santo Graal na busca dos Cavaleiros. Para Jung, o Graal simboliza a plenitude interior que os homens sempre procuraram. A dama, a cujo serviço o cavaleiro se entregava e por quem praticava os seus feitos heroicos, era, naturalmente a alma. O nome da portadora do Santo Graal, na versão da lenda de Wolfram von Eschenbach (2015), da obra poética Parsifal, considerado um dos maiores épicos germânicos do período, é especialmente significativo *Conduir-amour* (condutor-guia do amor):

A incorporação do elemento feminino dentro do homem é uma questão psicológica de grande sutileza e dificuldade. Mas, a menos que ele consiga

fazer isso, não pode sequer ter esperanças de compreender todo o mistério de seu próprio *self*. (JOHNSON, 1987, p. 16)



Figura 2: Dante conduzido por Beatriz na ilustração de Gustave Doré.

SECRETO ETERNO

A presença marcante da Columba acompanhada pela música *Secreto Eterno* no ritual de convocação da Ordem fez com que questionássemos a origem da música. Ao perguntar sobre a escolha dela para um Frater amigo e membro da Ordem Rosacruz há décadas, ele comentou que parecia ser uma ária de uma ópera e teria sido escolhida por nosso antigo Imperator Spencer Lewis pelas suas características espirituais. Mas, o fato, ou a verdade é que não se tratava disso. Tal música é o *Secreto Eterno*, de autoria do músico mexicano José Perchés Henríquez (1882-1939, vide Figura 3), que é também o autor da letra. É uma forma de dança oriental e, interpretada em piano, pode lembrar as músicas com forte componente místico compostas por Thomas de Hartmann e George Ivanovich Gurdjieff.



Figura 3: José Perchés Henríquez, o autor de *Secreto Eterno*.

A versão da música usada pela AMORC é apenas instrumental, tocada em órgão, e foi gravada ainda em 78 rpm por um selo da Ordem Rosacruz em São José na Califórnia (Figura 4). Já na época nos parecia uma gravação muito antiga e o andamento da música poderia ser interpretado como tendo um certo ritmo dançante como, talvez, um bolero. Apenas mais tarde essa característica rítmica ficou evidente quando ouvimos outras interpretações cantadas nas gravações de artistas como a de 16 de Maio de 1925 (Figura 5) que tem como referência fonográfica “Edison matrix 10378” e é interpretada pelo espanhol José Mojica acompanhado pelo pianista John F. Burckhardt e, em uma versão mais recente, por Librado Alexander que lançou um álbum com o *Secreto Eterno* em 2017. Há outras versões cantadas e instrumentais como a do Sexteto Alamedade Pedro Garcia.

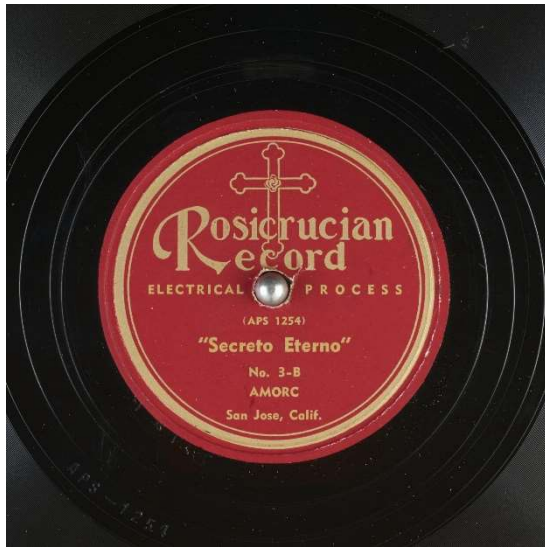


Figura 4: Selo *Rosicrucian Record* com a gravação em 78 rpm do Secreto Eterno usado nos Rituais de Convocação da AMORC.



Figura 5: José Mojica. Secreto Eterno gravado em 1925.

Por acreditar tratar-se de um tema interessante, e que muitas pessoas podem ter tido a mesma vontade de conhecer a origem da música, resolvemos pesquisar um pouco mais e compartilhar estas informações.

Apesar de não estar presente na versão usada pela AMORC, a letra da música é transcrita aqui no original em espanhol. É uma música de amor profundo, um Secreto Eterno inspirador...

No escucharás mi bien amada
 Las févidas palpitations
 Ni las tristes vibraciones
 De mi amante corazón
 Un Eterno Secreto será em mi vida mi amor ardiente
 Mi ilusión querida y este delirio que hay en mi mente
 Oh mi amor imposible Secreto Eterno del alma mia
 Mi pecho ansia en su dolor solo um beso de amor
 Un cruel dolor me esta matando
 Tristísimas evocaciones
 De imposibles ilusiones
 Hieren hay! mi corazón³. (Fonte: MUSIXMATCH, 2022)

³ Você não vai ouvir o meu bem-amado
 As palpitações ferozes
 Nem as tristes vibrações
 Do meu coração amoroso
 Um Eterno Segredo será em minha vida meu ardente amor
 Minha mais querida ilusão e este delírio em minha mente
 Oh meu amor impossível Segredo eterno de minha alma
 Meu peito anseia em sua dor por apenas um beijo de amor
 Uma dor cruel está me matando

A EXPERIÊNCIA MÍSTICA DO AMOR

Esta letra deixa-nos sem fôlego, numa dimensão que pode lembrar Teresa d'Ávila, que na sua poesia faz aproximar o amor a Cristo a um amor humano. Faz na sua obra uma analogia literária entre o seu amor a Deus e o matrimônio humano através de uma simbólica nupcial. A mística usa expressões amorosas que o Amado diz à sua Esposa, como as seguintes: “*Toda eres hermosa, amada mía, no hay defecto en ti*” ou “*Yo soy para mi amado y mi amado es para mí*” (TABERNERO; USUNÁRIZ, 2021, p. 102-106).

A complexidade da experiência mística, vedada a uma maioria, pode transmitir a experiência direta do sagrado através de um código que habitualmente escapa à razão. É assim que o discurso poético, que sempre se opôs ao discurso racional e filosófico, acaba por ser o meio a que recorrem os místicos para expressar o inefável.

Teresa D'Avila remete para a dimensão erótica do amor, que nos desafia pelo sofrimento: ao amor como uma queimadura, ou uma chama, como um fogo que penetra o coração. Num poema bem conhecido, o motivo da flecha de cupido é referido nas seguintes palavras de forte caráter tangível: “*es cruel la pasión como el abismo; / sus dardos son dardos de fuego, / llamaradas divinas*” (TABERNERO; USUNÁRIZ, 2021, p. 107). Assim, em nada a dimensão do amor-paixão deve subestimar esse conceito que encerra em si um dos mais profundos mistérios.

Nesta ocasião vale a pena lembrar do antigo entendimento grego do amor na sua tripla acepção: o amor *Eros*, amor-desejo, escravo da paixão, amor na sua dimensão mais carnal, mais humana, mais frágil e mais errante; o amor *filia*, amor fraterno, amor que produz boa emoção, que junta pessoas de modo espontâneo; ao amor *ágape* como manifestação do amor sublime, desinteressado, incondicional e livre.

Há, assim, três tipos de amor, iguais em número às coisas que são estimáveis; pois com respeito a cada uma delas existe um amor recíproco e conhecido, e os que se amam desejam-se bem a respeito daquilo por que se amam. (ARISTÓTELES, 1984, p. 181)

Tristíssimas evocações
De ilusões impossíveis
Eles ferem meu coração.

Assim numa imagem sintética do amor esta música apresenta uma força fulgurante que tanto está na dimensão mais tangível quanto na dimensão cósmica, sendo a primeira um portal para a segunda.

O Amor, ensina Diotima no Banquete de Platão, não é pobre nem rico, nem sábio nem ignorante: “O Amor é um gênio, um *medium* entre os humanos e os deuses” (PLATÃO, 2016, p. 154). É em si próprio uma energia que inflama à criação e nos dirige de modo instigante na eterna busca pela felicidade.

Entendido como força mediadora entre o sensível e o suprassensível, força que dá asas e eleva, mediante vários graus de beleza, à metaempírica Beleza em si [...] assim Eros é força que eleva ao Bem, e a ‘erótica’ se revela como um caminho alógico que conduz ao Absoluto. (REALE; ANTISERI, 2017, p. 152).

O amor, tal como Platão nos ensina no Banquete, é revelado num movimento dialético e ascensional que parte do corpo para as ideias, do concreto ao abstrato, do Eros como força intermediária entre diferentes planos cósmicos, ao ágape como realização da plenitude mística do amor: “é ao mesmo tempo o impulso para a verdadeira realização essencial da natureza humana, e, portanto, um impulso cultural no mais profundo sentido da palavra” (JAEGER, 2010, p. 739).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, a representação simbólica da Columba associada à pureza, ao sublime e ao sagrado existente em nós, pode ser entendida como um processo iniciático em direção à Consciência Cósmica. A Columba também pode representar a alma em uma interpretação junguiana, o lado arquetípico do inconsciente feminino: o que nos remete para o papel da dama no amor cavaleiresco cuja função é, assim como a da Columba, guiar à plenitude do amor (*conduir-amour*). Despertou nosso interesse a curiosa constatação de que a letra da música (habitualmente suprimida nas Convocações Ritualísticas da AMORC) abordava diretamente o amor na sua acepção passional e romântica. Pareceu-nos pertinente destacar a dimensão tangível de um amor que a mística Teresa D’Ávila plasma em seus sonetos ou como nas palavras da sábia Diotima que apresenta o amor como uma força mediadora entre a dimensão humana e a divina. Quisemos assim destacar neste pequeno artigo a intuição de que o amor é um mistério:

um *secreto eterno* sintetizado na harmonia desta música com uma energia tão cativante quanto perturbadora.

REFERÊNCIAS

ANTIGA E MÍSTICA ORDEM ROSACRUZ (AMORC). **A Presença da Columba**. Disponível em: <https://www.amorc.org.br/a-presenca-da-columba/>. Acesso em: 16 mar. 2022.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

ESCHENBACH, W. von. **Parsival**. São Paulo: Editora Antroposófica, 2015.

JAEGER, W. **Paideia: a formação do homem grego**. 5 ed. Tradução Artur Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

JOHNSON, R. A. **HE – A Chave do Entendimento da Psicologia Masculina**. São Paulo: Editora Mercúrio, 1987.

JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

MUSIXMATCH. **Secreto Eterno**. Disponível em: <https://www.musixmatch.com/pt-br/letras/Hugo-Avendaño/Secreto-Eterno>. Acesso em 16 mar. 2022.

PLATÃO. **O Banquete**. Tradução, posfácio e notas de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora 34, 2016.

REALE, G; ANTISERI, D. **Filosofia - Antiguidade e Idade Média**. São Paulo: Paulus, 2017, volume 1.

TABERNERO, C.; USUNÁRIZ, J. M. (eds.). **Santas, poderosas y pecadoras: representación y realidad de las mujeres entre los siglos XVI y XIX**. Colección «Batihoja», 79. ISBN: 978-1-952399-00-8. New York, Instituto de Estudios Auriseculares (IDEA), 2021.